

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

THIAGO MARTINS RODRIGUES

**HISTÓRIA (RE)ESCRITA EM PAULO LINS:
NARRATIVAS DO NEGRO NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XX**

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DE LITERATURA
LINHA DE PESQUISA: LITERATURA, SOCIEDADE
E HISTÓRIA DA LITERATURA

THIAGO MARTINS RODRIGUES

**HISTÓRIA (RE)ESCRITA EM PAULO LINS:
NARRATIVAS DO NEGRO NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XX**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Prof.º Dr. Antonio Marcos Vieira Sanseverino

Porto Alegre

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Rodrigues, Thiago Martins
HISTÓRIA (RE)ESCRITA EM PAULO LINS: NARRATIVAS DO
NEGRO NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XX / Thiago Martins
Rodrigues. -- 2022.
103 f.
Orientador: Antonio Marcos Vieira Sanseverino.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Romance. 2. História. 3. Paulo Lins. 4. Ponto de
vista narrativo. 5. Raça. I. Sanseverino, Antonio
Marcos Vieira, orient. II. Título.

THIAGO MARTINS RODRIGUES

**HISTÓRIA (RE)ESCRITA EM PAULO LINS:
NARRATIVAS DO NEGRO NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XX**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: 1º de novembro de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof.º Dr. Antonio Marcos Vieira Sanseverino — Orientador
Instituto de Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.º Dr. Carlos Augusto Bonifácio Leite
Instituto de Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.º Dr. Luiz Maurício Azevedo da Silva
Docente convidado
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof.ª Dr.ª Rejane Pivetta de Oliveira
Instituto de Letras
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Para a minha mãe, Simone.

AGRADECIMENTOS

À Yemanjá e a todos os orixás, por manter a minha mente e o meu corpo em sintonia com a energia vital do sagrado.

Ao contribuinte brasileiro, que financia a pesquisa e que, com seus impostos, mantém viva a universidade pública, gratuita e de qualidade.

Ao Movimento Social Negro, pelas trilhas que se abriram a partir da árdua e constante luta pelo acesso à educação, especialmente neste ano em que a lei de cotas completa uma década.

Ao coletivo do Esperança Popular Restinga, pelos tantos aprendizados sobre o esperar.

À Comissão de Ações Afirmativas do PPG Letras, pela construção coletiva e pela batalha interna que travamos em nome da aspiração por uma universidade melhor e por um país diferente deste que vivemos.

Ao meu orientador, Antonio Sanseverino, pela orientação sempre inteligente e instigante e pela compreensão, confiança e apoio, sobretudo nos momentos mais complexos.

À professora Denise Sales, pelo incentivo e sensibilidade nos vários diálogos que marcaram o último período.

À Amanda, à Bruna, ao Ismael e à Sofia, pelo privilégio de compartilhar afetuosos e reconfortantes momentos de conexão.

À Kedilen, pela autenticidade e cuidado que permeiam nossa amizade.

À Vanessa, pelos sempre irreverentes e confiantes conselhos a seguir na carreira acadêmica.

À Francielle, por todo o convívio que tornou este trabalho possível.

À minha mãe, Simone, por tudo e por tanto.

Não podemos mais aceitar que a história do negro no Brasil, pretensamente, seja entendida através dos estudos etnográficos, antropológicos. Devemos fazer a nossa história, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os negando. Só assim poderemos nos entender e nos fazermos aceitar como somos, antes de mais nada pretos, brasileiros, sem ser confundidos com os americanos ou africanos, pois nossa história é outra, como é outra nossa problemática.

Beatriz Nascimento,
Uma história feita por mãos negras (2021, p. 45)

Não é, afinal, a literatura que gera a consciência, mas a consciência que gera a literatura.

Luiz Maurício Azevedo,
Estética e raça (2021, p. 27)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo caracterizar e debater, desde uma perspectiva de raça e classe, os pontos de vista narrativos assumidos nos dois romances de Paulo Lins, *Cidade de Deus* (1997) e *Desde que o samba é samba* (2012), a fim de apreender as tensões e as falhas constitutivas da composição da forma romanesca e o quanto elas encaminham os enfoques histórico e literário das obras. A hipótese é que há uma perspectiva histórica posta entre os dois romances, que pode ser examinada com base na análise dos narradores, pretensamente afastados e imparciais, e, por consequência, dos seus pontos de vista narrativos. Deste modo, o estudo aborda a relação entre a ficção e a história estabelecida por Paulo Lins em seus dois romances e os caracteres que contribuem para a elaboração de uma história ficcionalizada da população negra no Rio de Janeiro ao longo do século XX. Para tanto, observa-se a constituição da autoria de Paulo Lins, enquanto homem negro e pobre que teve acesso ao ensino superior, e a sua inserção no sistema literário brasileiro. A partir desse debate, analisa-se a composição dos narradores e dos seus pontos de vista narrativos em cada um dos romances, para, na sequência, vislumbrar a tomada de uma posição em relação aos eventos históricos do século XX protagonizados pela população negra.

Palavras chave: Paulo Lins; Romance; História; Ponto de vista narrativo; Raça.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo caracterizar y debatir, desde una perspectiva de raza y clase, los puntos de vista narrativos asumidos en las dos novelas de Paulo Lins, *Cidade de Deus* (1997) e *Desde que o samba é samba* (2012), con la finalidad de comprender las tensiones y las fallas constitutivas de la composición de la forma novelística y cuánto orientan los abordajes histórico y literarios de las obras. La hipótesis es que hay una perspectiva histórica puesta entre las dos novelas, que se puede investigar con base en el análisis de los narradores, presuntamente alejados e imparciales, e, como consecuencia, de sus puntos de vista narrativos. De esta manera, el estudio se ocupa de la relación entre la ficción y la historia establecida por Paulo Lins en sus dos novelas y los elementos que contribuyen para la elaboración de una historia ficcionalizada de la población negra en Rio de Janeiro a lo largo del siglo XX. Para eso, se observa la constitución de la autoría de Paulo Lins, como un hombre negro y pobre que tuvo acceso a la universidad, y su inserción en el sistema literario brasileño. A partir de ese debate, se analiza la composición de los narradores y de sus puntos de vista narrativos en cada una de las novelas, para, en la secuencia, entrever la elección de una posición sobre los eventos históricos del siglo XX protagonizados por la población negra.

Palabras clave: Paulo Lins; Novela; Historia; Punto de vista narrativo; Raza.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PAULO LINS: ENTRE O PARTICULAR E O UNIVERSAL	16
1.1. As particularidades de Paulo Lins	18
1.2. A mediação da forma	27
1.3. Paulo Lins e o sistema literário	33
2. OS NARRADORES DE PAULO LINS	43
2.1. O ponto de vista interno e diferente em <i>Cidade de Deus</i>	45
2.2. O compromisso histórico em <i>Desde que o samba é samba</i>	52
2.3. O problema do ponto de vista narrativo na crítica brasileira	60
3. UMA HISTÓRIA DO NEGRO BRASILEIRO	69
3.1. A periferia como cenário	71
3.2. “Era tempo de pipa” ou a consciência histórica do impasse em <i>Cidade de Deus</i>	79
3.3. A organização popular como fé em <i>Desde que o samba é samba</i>	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	99

INTRODUÇÃO

O carioca Paulo Lins surge para a literatura brasileira, com grandes holofotes, em 1997. Sobre ele recaía o peso da novidade, por ser um homem negro e periférico — com ensino superior — publicado por uma grande editora. Além dos aspectos extraliterários, seu romance de estreia, *Cidade de Deus*, introduz no circuito literário uma discussão que até então permanecia nas páginas policiais dos veículos de imprensa: a violência urbana como uma fissura urgente para os rumos do país na virada de século. A obra mergulha no universo popular-criminoso do Rio de Janeiro a partir de um extenso trabalho etnográfico, o que, desde o princípio, serviu para despertar o interesse do público e garantir-lhe alguma legitimidade em relação à apresentação dos resultados desse estudo na forma de um romance.

A repercussão, como se sabe, foi estrondosa. O livro chegou aos cinemas, com uma adaptação em 2002, teve uma segunda edição no mesmo ano¹, bem como foi traduzido para diferentes idiomas. Lins preencheu um hiato que se abriu, talvez, desde Carolina Maria de Jesus, nas décadas de 1960 e 1970, em termos de circulação de obras de autoria negro-brasileira fora do país. Embora o autor rejeite qualquer tipo de continuidade ou relação com a autora de *Quarto de Despejo*², é latente que, tanto no cenário nacional quanto internacional, Lins e Carolina, não do mesmo jeito, apresentam uma leitura sobre o agravamento da questão urbana no Brasil, especialmente no que se refere à garantia dos direitos sociais básicos para a população negra e pobre. A possibilidade de se contemplar, na literatura, o cenário da nossa tragédia social despertou, e ainda desperta, a curiosidade do mercado editorial e da crítica. Isso porque esses autores carregam consigo sua pertença étnico-racial e, conseqüentemente, um valor experiencial que daria ainda mais autenticidade às obras. Seriam os próprios sujeitos, que irromperam em meio à teia da desigualdade e do racismo, para falar das suas próprias questões.

Independentemente, *Cidade de Deus* é, pois, um romance de grande envergadura. Tanto pela estrutura, com mais de quinhentas páginas na primeira edição, quanto pelo arco histórico que se propõe a construir, pelo engenhoso trabalho de elaboração estética e pelas diferentes possibilidades de observação que se abrem a partir da leitura. Trata-se de uma obra

¹ A primeira edição do romance foi publicada pela Companhia das Letras, em 1997, com 549 páginas. Em 2002, após a adaptação para o cinema e uma proposta de tradução no formato de uma edição de bolso, o autor editou a obra e promoveu consideráveis alterações, como a troca do nome de personagens, que eram, inicialmente, os nomes reais, e o corte de partes do texto. Essa segunda edição, também publicada pela Companhia das Letras, contém, por sua vez, 403 páginas. Nesta dissertação, utilizo a primeira edição do romance. Seu título sempre estará em itálico, para diferenciar das referências ao conjunto habitacional homônimo.

² O autor declarou não ter lido *Quarto de Despejo* em entrevista a Mário Augusto Augusto Medeiros da Silva e Keila Prado Costa, em 26 de outubro de 2007. Alguns trechos da entrevista estão transcritos e analisados na tese de SILVA (2011).

de tensão, cujos sentidos não se apreendem em um exame que se cole à perspectiva do narrador. Em um romance dessa extensão, os momentos de fissura, de quebra do fluxo narrativo e das expectativas do leitor, são tão relevantes quanto os grandes episódios da narrativa, sobre os quais o narrador parece querer que nos debrucemos. Esse aspecto torna-se especialmente importante se considerada a relação da obra literária com a adaptação para o cinema, que consagrou algumas cenas e personagens como clássicos.

Uma primeira obra desse tamanho gerou, invariavelmente, expectativas para o segundo romance, que só veio à público quinze anos depois da primeira edição de *Cidade de Deus. Desde que o samba é samba*, de 2012, não teve a mesma repercussão, tampouco foi publicado pela mesma editora, o que já o coloca em um outro lugar. No entanto, só o fato de o livro ter saído por uma editora de menor porte não explica por completo, parece-me, seu alcance. Como referi sobre o primeiro romance, tratava-se de uma novidade, que surgia em uma quebra de pelo menos vinte anos. Já o segundo chega à público em um momento histórico em que mais obras de autoria negro-brasileira começavam a ser publicadas. Há também uma mudança significativa de tom entre as duas obras, o que discutirei ao longo deste trabalho.

O romance de 2012 também propõe-se a construir um arco temporal, mas mais restrito que *Cidade de Deus*. A obra se passa na década de 1920, acompanhando o nascimento do samba, da primeira escola de samba, a Deixa Falar, e da Umbanda no bairro do Estácio, no Rio de Janeiro. Algumas figuras históricas que protagonizaram esses momentos são ficcionalizadas, como os sambistas Ismael Silva e Brancura, para ficar só em dois, além de Tia Ciata e outras personalidades da época. Pelo que se depreende da leitura, o intuito é fazer um resgate desse período, reposicionando os seus agentes diante da história hegemônica. Ao longo de toda a obra, o narrador trata de enfatizar o caráter de vanguarda que podia ser encontrado em meio à efervescência cultural do Estácio. Esse aspecto não se restringe somente ao samba como manifestação cultural, mas também se insere no debate da constituição da nacionalidade brasileira, que aparecia com força naquelas primeiras décadas da República. Na composição, esse impulso afirmativo é acompanhado por um excessivo didatismo, que tende a atenuar as tensões que são próprias daquele e de todos os períodos históricos.

Deste quadro nasce o problema de pesquisa, o objetivo e a hipótese com que trabalho neste estudo. O enfoque recai sobre a relação entre a ficção e a história da população negra estabelecida por Paulo Lins em seus dois romances, especialmente a partir da composição dos narradores das obras. A hipótese que conjeturo é que há uma perspectiva histórica posta

entre as duas obras, que pode ser apreendida com base na análise dos narradores pretensamente afastados e imparciais e, conseqüentemente, dos seus pontos de vista narrativos. O objetivo, assim, consiste em caracterizar e examinar os pontos de vista narrativos construídos em cada um dos romances, a fim de apreender as tensões e as falhas da forma romanesca e o quanto elas encaminham os enfoques histórico e literário das obras.

As lentes que orientam o desenvolvimento do escrutínio dos objetos desta dissertação tem os construtos da raça e da classe no centro. Assim, cabe observar como os sujeitos são racializados socialmente e dimensionar as decorrências disso para as posições ocupadas por brancos e negros na sociedade de classes racializada vivenciada no Brasil. Como tento evidenciar ao longo do trabalho, a questão racial não é nova no país, mas a cada momento histórico se atualiza com base na consciência coletiva e nas elaborações teóricas de nossa intelectualidade. Não obstante, Beatriz Nascimento (2021) identifica uma restrição da branquitude à perspectiva de raça:

o branco brasileiro de um modo geral, e o intelectual em particular, recusam-se a abordar as discussões sobre o negro do ponto de vista de raça. Abominam a realidade racial por comodismo, medo, ou mesmo racismo. Assim perpetuam teorias sem nenhuma ligação com nossa realidade racial. Mais grave ainda, criam teorias mistificadoras, distanciadas desta mesma realidade. (NASCIMENTO, 2021, p. 41)

À vista disso, a discussão proposta aqui se assenta na problematização em relação às narrativas históricas construídas ao longo do tempo pelo pensamento hegemônico branco. Nele, a população negra foi constantemente apontada, no Brasil, como objeto e não como sujeito reflexivo de sua própria história. Nesse caso, cabe desacomodar as perspectivas em busca de leituras que permitam a observação das contradições, das tensões e dos embates implicados na edificação da nacionalidade brasileira, cujo traço principal é o racismo e a desigualdade. A pertença étnico-racial de Paulo Lins, junto da matéria sobre a qual seus romances se debruçam, compõem um dado literário fecundo para a reflexão acerca das construções históricas em torno da figura do negro. O recorte temporal é dado pelas próprias obras, que transcorrem ao longo do século XX, mas não fica só aí. O exercício de perscrutar a dimensão histórica das obras dialoga com a construção identitária dos sujeitos negros no presente e com a possibilidade de que as obras de autoria negro-brasileira circulem, agora, com maior fôlego.

Na perspectiva, novamente, da historiadora Beatriz Nascimento (2021), esse reexame da história é necessário para que o ponto de vista de negras e negros seja recuperado:

[...] quase tudo o que foi dito sobre o negro, tudo o que lhe é atribuído, o que até

agora é considerado ser negro, inclusive a cultura do negro, deve ser reexaminado não sob o ponto de vista da ideologia dominante, mas sob o ponto de vista das nossas aspirações e necessidades. (NASCIMENTO, 2021, p. 54)

Esse debate, acerca das consequências da saída incompleta do escravismo e dos seus desdobramentos para a conformação da ideia de população brasileira, está posto neste século XXI com uma densidade singular. Em que pese a permanência da estrutura racista do capitalismo, as teorias e os conhecimentos produzidos por intelectuais negras e negros contribuem sistematicamente para demantelar a consciência branca dominante. A produção literária se inscreve neste cenário como um dos componentes que decorre das visões de mundo que circulam na sociedade e, em certa medida, fazem parte desse conjunto de ações de enfrentamento ao racismo, como argumenta Juremir Machado da Silva (2021, p. 142), quando diz que as “antigas narrativas já não convencem”.

No entanto, o exercício crítico aqui proposto não espera apenas confirmar, por tratar-se de uma obra de autoria negro-brasileira, a sua perspectiva em relação à história dessa população. Parte desse gesto de questionamento às leituras consagradas se reflete também em um esforço de complexificação das análises, para que se alcancem os sentidos mais intrincados e, por vezes, contraditórios. Restaurar o lugar de tensão para essas produções literárias permitirá assegurar a sua validade enquanto obras que, de fato, possibilitem a reflexão sobre o edifício do racismo. Nesse sentido, Luiz Maurício Azevedo (2021), em *Estética e raça*, defende o embate crítico como modo de salvaguardar a circulação e a permanência das obras de autoria negro-brasileira:

A questão é que não faz mais sentido, para o campo da Teoria Literária, efetuar leituras sob o ponto de vista restrito do testemunho antropológico, cujo valor repousaria na feliz soma de coincidências que fizeram esse texto sobreviver até chegar às mãos do pesquisador. Depois da ressaca acadêmica dos Estudos Culturais, tratar os objetos de análise com condescendência, tentando protegê-los do embate crítico seria um engano ruidoso. É justamente o exercício da crítica severa que pode salvá-los do risco de desaparecimento. (AZEVEDO, 2021, p. 45)

Desse modo, intento desenvolver uma análise combinada entre a gênese social do texto, considerando, nesse cenário, a autoria de Paulo Lins e a apreciação do texto literário, ambas vinculadas ao movimento do corpo social e da história. A tentativa é vislumbrar a matéria narrativa, que parte de dados históricos extraliterários, em interação — e por vários momentos em tensão — com a forma estética selecionada pelo autor. É recente ainda, dentro dos estudos de literatura, essa observação crítica, com base em uma reflexão sobre forma e técnica literária, das obras produzidas por negras e negros no Brasil, como destaca Mario Augusto Medeiros da Silva (2011):

[...] o primeiro ponto a se notar, no que diz respeito à análise histórica da Literatura Negra Brasileira, é que ela foi abordada por autores cuja formação ou campo de estudos não se dava primordialmente na área de Crítica Literária, mas sim nas Ciências Sociais e História. Portanto, na grande maioria das análises, o negro como autor ou personagem literário é tratado também como objeto sociológico e histórico. (SILVA, 2011, p. 21)

Apesar de sua importância, os estudos empreendidos no campo das Ciências Sociais, tal qual a tese de Silva (2011), que é produzida na Sociologia, terão como limite o olhar para as formas literárias em sua especificidade. Nesse caso, não se trata de abrir mão do aporte oferecido pelas produções de outros campos de investigação, mas de afirmar a particularidade da pesquisa e da crítica literárias e de garantir às obras de autoria negro-brasileira, em decorrência disso, um estudo das suas formas de expressão. Nesse sentido, é possível perceber que a obra de Paulo Lins ainda carece de uma leitura de conjunto, que vá para além de *Cidade de Deus*, e o insira em um contexto mais amplo do que o de best-seller da violência nas favelas cariocas.

A fim de dar conta dessa discussão, a dissertação organiza-se em três capítulos, na sequência desta abertura, seguidos pelas considerações finais. No primeiro deles, discuto a autoria de Paulo Lins com base em uma reflexão de fundo sobre a dialética entre o particular e o universal implicada no processo de sociabilidade dos sujeitos negros. O principal referencial teórico que ajuda a formular o problema é o martinicano Frantz Fanon, com o seu *Pele negra, máscaras brancas*. Ainda no mesmo capítulo, faço a transposição desse debate para pensar a mediação social estabelecida pela forma estética nesse contexto e, especialmente, a inserção do autor carioca no sistema literário brasileiro. Aqui há um diálogo com Antonio Candido e com a ideia de formação de uma literatura negro-brasileira. Nesse sentido, um dos aspectos que ganha ênfase é a constituição da nacionalidade brasileira que é dada pelo modo como o racismo foi usado como substrato da construção do Brasil como nação.

No segundo capítulo, apresento o problema do ponto de vista narrativo, que é o elemento fundante da análise que faço das obras. Por isso, observo a abertura dos dois livros a fim de evidenciar como a marcação dos pontos de vista narrativos pode ser percebida desde o princípio e que a oscilação dos narradores é constitutiva, considerando-se as tensões colocadas para o escritor negro que publica uma obra literária, conforme trato no primeiro capítulo. Há um recorte na perspectiva de análise, que focaliza a constituição do ponto de vista narrativo a partir da crítica brasileira de orientação materialista. As principais bases são, novamente, Antonio Candido, com dois textos fundamentais, “De cortiço a cortiço” e “Literatura e subdesenvolvimento”, e Roberto Schwarz, pelos comentários e desdobramentos

que propõe da obra candidiana.

Já no terceiro capítulo, a análise se dedica a depreender de que modo os pontos de vista narrativos já analisados encaminham uma leitura da história da população negra ao longo do século XX. A percepção é que há uma mudança de tom entre as duas obras, que se constituem, assim, como projetos estéticos distintos, mas que se tocam pelo protagonismo de personagens negras e negros, que são significadas internamente nos romances. Os personagens vivenciam a segregação racial imposta no Brasil pelo projeto nacional vencedor. Nesse sentido, a ambiência das periferias urbanas também é relevante, porque se trata de um índice determinante para a história da população negra carioca. No caso das obras de Lins, a ambiência do Estácio e da Cidade de Deus se apresentam com significação interna própria, com autonomia em relação ao espaço extraliterário. O efeito disso é expressivo para as composições, porque articula o dado da matéria narrativa com a ação ficcional.

1. PAULO LINS: ENTRE O PARTICULAR E O UNIVERSAL

O presente capítulo tem o intuito de contextualizar e, em alguma medida, problematizar a inserção de Paulo Lins no cenário da Literatura Brasileira, desde uma perspectiva histórica. Esse movimento carrega consigo o interesse de fundo em empreender uma mirada mais ou menos de conjunto para a literatura de autoria negro-brasileira ao longo da nossa história literária, sobretudo no século XX, e em complexificar os lugares frequentemente estabelecidos pela crítica literária e pelo mercado editorial para autoras e autores que destoam da referência hegemônica do escritor euro-descendente branco, com acesso à educação formal, aos direitos sociais e aos bens de consumo. Uma das bases que tomo para essa discussão é a tese *A Descoberta do Insólito: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000)*, do sociólogo Mário Augusto Medeiros da Silva (2011).

Na tese, a intenção do autor é construir, por um viés sociológico, um arco de autoras e autores que se autoidentificam como negras e negros, cujas obras relacionam-se com as ideias de Literatura Negra e Periférica. O ponto de partida é Carolina Maria de Jesus, com seu *Quarto de Despejo*, de 1960, até chegar a Ferréz, que lança *Capão Pecado*, no ano 2000. Nesse ínterim, destaca-se a atuação do coletivo Quilombhoje, com a publicação dos *Cadernos Negros*, a partir de 1978, e o advento de *Cidade de Deus*, de Paulo Lins, em 1997. O aspecto principal da análise recai sobre as formas de recepção dessa produção literária em cada período. Desta forma, o trabalho de Silva (2011) recompõe uma série de debates em torno dos conceitos de Literatura Negra e Periférica e, conseqüentemente, sobre os sentidos políticos da negritude na segunda metade do século XX no Brasil.

Especificamente sobre Paulo Lins, o sociólogo estabelece um nexó entre o autor carioca e Carolina Maria de Jesus. Segundo Silva (2011), *Cidade de Deus* apresenta uma narrativa que, organizada sob o prisma da memória, agudiza a imagem da favela apresentada em *Quarto de Despejo* trinta e sete anos antes. Assim como a autora do “diário de uma favelada”, Lins aparece entre seus pares envolto de ambigüidades, mas com uma obra contundente, capaz de evidenciar, com um sentido próprio de quem advém das periferias urbanas, problemas urgentes da vida brasileira. No caso de Carolina, é a luta do grupo negro por uma posição na sociedade de classes. Paulo Lins, por seu turno, coloca em jogo as soluções precárias e descontínuas adotadas pelo Estado brasileiro diante de obstáculos estruturantes para o país, como a moradia para as populações mais pobres e o racismo.

A expressão que dá título a este segmento da dissertação, “entre o particular e o universal”, baseia-se na seguinte passagem de Silva (2011): “[...] *Lins trafega do particular*

ao universal” (SILVA, 2011, p. 385, grifo meu). Na sequência do texto, o autor trata de explicar o significado dessa afirmação, vinculando, novamente, Paulo Lins a Carolina Maria de Jesus:

Banalizada assim, a frase se aplica a qualquer escritor. Aqui, todavia, ela tentará assumir caráter heurístico e demonstrativo, justificando-se contextualmente. Posto em situação, Lins impõe um problema semelhante à Literatura Negra e seus escritores, como já o havia feito De Jesus 37 anos antes de sua estreia: A) *um escritor negro e do baixo estrato social, que não nega tal fato, que não assume e recusa os protocolos criativos estabelecidos por seus pares e que não possui relação estreita com o ativismo político-literário negro*; B) *um escritor negro de consagração e repercussão formidáveis, traduzido para mais de uma dezena de idiomas, cujo momento decisivo de inflexão na trajetória individual acontece quando passa a morar numa favela, fruto de arranjo precário estatal*; C) *com alguma semelhança de ser objeto de mecenato e conversão no cenário social e crítico literário*; D) *posto em xeque sobre sua capacidade de escrever um segundo livro capaz de superar o trabalho de estreia*; E) *aspirando por fim, sobretudo ao universal estético, mesmo que se lastreando no seu particular, sem evidenciá-lo eticamente.* (SILVA, 2011, p. 385)

O autor equaciona a relação entre Carolina Maria de Jesus e Paulo Lins com uma visão de conjunto bastante abrangente. Capta com precisão os elementos contextuais que acompanham o aparecimento de ambos para a literatura brasileira. O destaque é dado para o significado social da publicação dessas obras, considerando a formação em Sociologia de Silva (2011). O tráfego do particular ao universal, ao que parece, refere-se ao choque entre a afirmação política da identidade racial negra e a intervenção da conformação brancocêntrica do mundo social, que impõe a negras e negros a demanda por uma adequação aos seus pressupostos excludentes, baseados em uma concepção de humanidade que não abarca a existência da pessoa negra.

Dessa leitura, interessa-me examinar essa relação estabelecida entre a origem social e a pertença étnico-racial do autor e o alcance dos romances na cena literária nacional e questionar as implicações que os indicadores elencados por Silva (2011) trazem para a forma estética tanto de *Cidade de Deus* quanto de *Desde que o samba é samba*. Por esse viés, a forma ganha centralidade como categoria fundamental de mediação entre as particularidades implicadas na autoria negra e o universal estético, que é também social, no qual se insere — ou tenta se inserir. Assim sendo, na sequência do capítulo, procuro debater, primeiro, as particularidades, para em seguida estabelecer a forma como mediação. Por último, vislumbro as tensões da inserção de Paulo Lins no sistema literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de caracterizar e debater, desde uma perspectiva de raça e classe, os pontos de vista narrativos assumidos *Cidade de Deus* e *Desde que o samba é samba*, procurei tratar nesta dissertação, como questão de fundo, da possibilidade de diferentes reescritas da história, aquela dita oficial, especialmente no que diz sobre a população negra, a partir das experiências desses próprios sujeitos. Paulo Lins é um homem negro e pobre, criado na periferia do Rio de Janeiro, no conjunto habitacional que mais tarde seria seu objeto de estudos e espaço para o seu romance. Teve acesso à universidade e, conseqüentemente, a uma série de teorias e interpretações acerca da realidade que o cercava. Com base nessa formação, atuou junto de Alba Zaluar, estudando o crime e a criminalidade na Cidade de Deus.

A investigação rendeu material para o primeiro romance de Lins, lançado em 1997. *Cidade de Deus* teve grande destaque e circulação no cenário literário e acadêmico brasileiro e internacional. Especialmente no caso nacional, trouxe à tona um debate sobre a exposição da violência e o lugar da autoria negra nas grandes editoras. Com base neste quadro, o primeiro capítulo discutiu a constituição desse lugar de autoria para Lins, considerando a noção de universalidade implicada na existência do Ser branco, em oposição à particularidade da identidade negra. Enquanto o branco acessa aquilo que é inerente à sua condição de humano, o Ser negro permanece confinado em uma identidade racializada que promove uma cisão na constituição de sua subjetividade e de sua sociabilidade.

Nesse caso, vislumbro um duplo viés implicado na autoria negra na literatura: a experiência da racialização, do racismo e das suas conseqüências é compartilhada entre os sujeitos negros, independentemente de sua posição política diante da conformação excludente de nossa sociedade. Por outro lado, a configuração de uma identidade negra afirmativa, essa sim, depende de uma tomada de decisão do indivíduo, que reconhece a relevância de declarar-se negro e agir politicamente como tal. Essas duas dimensões não são excludentes, mas nem sempre se encontram, de modo que é um equívoco reivindicar a assunção dessa identidade política de todos os sujeitos negros. No que se refere ao exercício da crítica literária, menos do que rastrear elementos que confirmem ou neguem a posição do autor, resta examinar as conseqüências disso para a composição literária em si.

Por isso, é possível afirmar que a inserção de Paulo Lins, como romancista, no cenário da literatura brasileira deu-se na chave da ambiguidade. Se por um lado Lins não reivindica para si o lugar de autor negro, como um militante, dentro de uma determinada linhagem crítica e estética, por outro ele não escapa a esse lugar, que lhe é conferido pela

crítica, de informante de uma condição específica sobre a qual não se teve, com exatidão, uma expressão tão bem acabada quanto seu primeiro romance. O modo como Lins foi alçado ao patamar de novidade secundariza negras e negros que também escreveram, ao longo do século XX, direta ou indiretamente, sobre os efeitos do racismo e da desigualdade.

Desta forma, a problematização sobre a constituição do sistema literário brasileiro e o lugar estabelecido para a autoria negra permanece em aberto. Recentemente, os conceitos de literatura afro-brasileira, afro-descendente ou negro-brasileira, para ficar apenas em três, remontam a essa discussão sobre a trajetória de negras e negros em nossa literatura. No caso da ideia de formação e de um sistema literário, em que a continuidade é um dos traços fundamentais, o pressuposto de uma literatura em particular repõe o problema da retirada do problema do racismo da observação das questões postas como nacionais, assim como o é a criação de uma literatura do país. Na tentativa de conjugação da “literatura brasileira” com essas literaturas que recebem outros adjetivos específicos, o que se percebe é o apagamento histórico dessas vozes como constitutivas do processo de constituição da nacionalidade brasileira, que fica restrita a um pequeno conjunto de autoras e autores, em sua maioria brancos, sobre os quais se deposita a responsabilidade pela construção literária daquilo que hoje se reconhece como Brasil.

Por esse quadro, tentei ler os romances de Paulo Lins associando-os à discussão da escrita da História. Utilizo a perspectiva de raça e o problema do racismo não como temáticas que emergem das obras, mas como partes do edifício formal, porque considero que se tratam de componentes fundamentais da formação de nosso país como Estado nacional. Entre os historiadores referenciados ao longo do trabalho, é consenso que o Brasil, enquanto nação, depende do racismo para a sua construção. Consequentemente, os seus desdobramentos, mais do que visíveis a olho nu, devem ser examinados em profundidade nos mais diversos campos da vida social. No caso da produção literária, as categorias de raça e de racismo atuam sobre a forma estética. Assim, fornecem uma elaboração do cenário extraliterário, em que a raça é a linha de corte social que estabelece os movimentos do corpo da sociedade.

Com esse pressuposto, o segundo capítulo foi dedicado à caracterização dos narradores de *Cidade de Deus* e *Desde que o samba é samba* e à recuperação do problema do ponto de vista narrativo na crítica literária brasileira, mais especificamente nas formulações de Antonio Candido e Roberto Schwarz. Nesse momento, é possível perceber uma mudança significativa de tom na conformação dos dois narradores e nos pontos de vista que assumem. O narrador do primeiro romance assume o viés antropológico e tenta confirmar sua tese por meio de uma observação metodologicamente orientada, que analisa as ações levando em

consideração as suas motivações anteriores. Há uma relação de causa e consequência entre aquilo que se assiste no presente da narração e a trajetória de cada um dos *bichos soltos*. O narrador do segundo romance está dedicado a uma recuperação histórica, sobre a qual tem um ponto de vista que deixa lacunas: deseja reafirmar a relevância histórica e cultural da organização popular que se deu em torno da criação do samba e da primeira escola de samba do Brasil, bem como recolocar os agentes envolvidos nesse processo no rol de figuras relevantes da história do país, mas não consegue propriamente articular seu objetivo com as vozes dos sujeitos envolvidos nos conflitos

Como todo exercício de narrar, há fissuras e ambivalências implicadas nos dois casos. O narrador de *Cidade de Deus* revela-se nostálgico em relação a uma imagem inicial do conjunto habitacional em que, aparentemente, a criminalidade era apenas uma decorrência do modo como a comunidade foi formada, com a qual era possível conviver. À medida que o lugar se transforma em uma neofavela, a antiga Cidade de Deus dá lugar a um ambiente de guerra desenfreada. Daí em diante a voz narrativa passa a afastar-se, em uma narração mais acelerada, com pouco espaço para a observação dos traços da vida cotidiana no bairro. Ainda assim, *Cidade de Deus* é um romance mais bem realizado que o de 2012. No segundo romance, o narrador converte seu entusiasmo com a efervescência cultural e do movimento de vanguarda que se viu no Estácio em didatismo, na tentativa de evidenciar seu ponto de vista. A consequência disso é uma amenização dos conflitos históricos próprios daquele tempo e da visão de história que ele próprio pretende destituir.

Os narradores de Paulo Lins trazem para a ordem do dia a análise da constituição do ponto de vista daqueles que foram considerados os “outros” na literatura brasileira. Quando Roberto Schwarz (1999) escreveu que *Cidade de Deus* se caracteriza por um “ponto de vista interno e diferente”, tratava-se de uma questão que há muito vinha sendo observada em nossa literatura. Prova disso encontra-se com a retomada de dois importantes ensaios de Antonio Candido, “De cortiço a cortiço” e “Literatura e subdesenvolvimento”. No primeiro, o crítico oferece elementos para a problematização do narrador em terceira pessoa e sobre a transposição de um princípio extraliterário para a conformação do edifício formal. No segundo, Candido aponta, em minha leitura, para uma entrada definitiva do “outro” na literatura brasileira a partir da emergência da consciência do subdesenvolvimento na década de 1930, apesar desta ainda estar mediada pela ação de intelectuais brancos, que produziram obras baseadas na conjuntura histórica, social e política da época.

Desta observação concluo que os pontos de vista estruturados em ambos os romances decorrem de seus momentos históricos de produção. Eles também respondem a uma

conjuntura em que o problema do “outro” assumiu diferentes enfoques. Enquanto no final do século XX havia um desejo por essa voz do outro, que denunciasse a tragédia social instaurada no Brasil, em meados dos anos 2000, a tônica era o resgate da história e de um profundo debate sobre a parcela de contribuição da população negra na construção da nacionalidade brasileira. Nos dois, o negro, visto como “outro”, está com a palavra e elabora suas próprias experiências por meio da forma romanesca, com as tensões e embates que lhes são constitutivos, sobretudo quando se observa o quadro da racista e desigual que historicamente atravessa nosso processo social.

Diante desse direcionamento dos pontos de vista narrativos assumidos em *Cidade de Deus* e *Desde que o samba é samba*, o terceiro capítulo aprofunda esse debate a fim de apreender a concepção de história sustentada pela perspectiva de cada um dos narradores. Na análise de *Cidade de Deus*, essa indagação voltou-se para o personagem Zé Pequeno. Como argumentei, o narrador toma o personagem, simbolicamente, como uma condensação do processo de deterioração da vida urbana brasileira que o romance acompanhou. Desde a origem, com a tragédia familiar e o conflito de raça e classe com o qual se depara ainda muito jovem, os sentimentos de ódio e vingança de Pequeno o levam a tornar-se um dos criminosos mais violentos da Cidade de Deus. Sua ação coloca o conjunto habitacional nas principais páginas dos jornais e instala um cenário de guerra, em que todos eram obrigados a ter um lado, sem que isso, ao menos, lhes garantisse a vida. Naquele momento, parecia não haver mais saídas, o projeto nacional encontrava-se em ruínas, a guerra era uma realidade e as classes dominantes seguiam afastadas do problema. A história do Brasil, da ditadura em diante, mostra a população negra ainda mais exposta à morte e enredada na desigualdade e na exclusão, da qual só seria possível emergir mediante a ação do Estado, que está ausente e atua muito mais como um inimigo na contenção de uma ameaça externa.

Desde que o samba é samba, se encerra de modo ameno e festivo. A questão da violência, que dinamiza a narrativa de *Cidade de Deus*, fica sublimada. É como se o autor tentasse dar uma resposta em relação às suas possibilidades de criação. A violência, no entanto, é constitutiva do momento histórico vivenciado no bairro do Estácio. Os personagens a todo o momento estão respondendo a esse quadro. O passado escravista dá lugar a uma tentativa de superação da memória de dor e sofrimento a partir da transformação da experiência negra em arte. Assim, o ponto de vista remete ao presente, em que a escrita da história está posta em questão. Recorro, mais uma vez, a Santos (2022), quando diz, a respeito da história do racismo no Brasil, que:

O racismo é uma construção social e, portanto, humana. Essa constatação é ao mesmo tempo desoladora e transformadora. Desoladora porque mostra o que a humanidade tem de pior. Transformadora porque coloca a possibilidade de mudança em nossas mãos. É preciso, pois, voltar ao passado para ressignificar o presente e projetar novos futuros, agora com base em novas escutas e em outros saberes. (SANTOS, 2022, p. 282)

Desse modo, *Desde que o samba é samba* dialoga com correntes teóricas que se propõem justamente a esse exercício. No entanto, sua orientação ainda parece remeter a uma tentativa de estabelecer uma voz externa que seja capaz de organizar a matéria narrativa e apresentá-la de modo coerente e compreensível para o leitor. Por isso, o narrador em terceira pessoa, pretensamente imparcial, distribui os momentos em que os personagens falam, muitos deles em uma linguagem que é própria do lugar social de alguém que detém o conhecimento histórico não só a partir da experiência empírica, mas mediado pelo mundo acadêmico. Seu ponto de vista, assim, está subordinado a um imperativo exterior ao romance, que encontra um limite para consolidar-se literariamente.

Esse exame dos pontos de vista narrativos permite a consideração em torno da formação nacional do Brasil. Paulo Lins eleva ao nível da forma essa problematização, de modo que seus romances não respondem a uma questão específica. *Cidade de Deus* e *Desde que o samba* dialogam com um problema que estrutura a vida urbana brasileira há séculos e que a cada novo momento se atualiza e ganha novos elementos. Em uma visão de conjunto da obra de Lins, para além da pecha de autor de best-seller da violência, é latente um estudioso, interessado em elaborar esteticamente questões próprias do seu tempo. Do mesmo modo, não há respostas únicas e prontas em seus romances. Ambos se abrem para diferentes possibilidades de leituras, inclusive para as mais conservadoras e reificadas, que deslegitimam a capacidade de ação e a viabilidade de uma construção emancipatória para os seus personagens. O excesso de didatismo, a violência que flerta com a gratuidade, a relação imediata de causa e consequência, como apontei ao longo da dissertação, elevam as obras de Paulo Lins ao nível do impasse. Nelas também se encontram possibilidades reais de um contato intrínseco com a experiência dos sujeitos negros no Brasil urbano contemporâneo

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003a, p. 55-63.

ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: ADORNO, Theodor. **Notas de Literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003b, p. 65-89.

ALVES, Giovanni. Trabalho e sindicalismo no Brasil: um balanço da “década neoliberal” (1990-2000). **Rev. Sociol. Polít.**, n. 19, p. 71-94, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/cqQdQF55TQF3Gb55DQqW4wc/?lang=pt>>. Acesso em: 07 abr. 2022.

ANTÔNIO, Carlindo Fausto. **Cadernos Negros**: esboço de análise. 2005. Tese (Doutorado em Teoria Literária) — Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, 262 f., Campinas, 2005.

AZEVEDO, Luiz Maurício. **Estética e raça**: ensaios sobre a literatura negra. Porto Alegre: Sulina, 2021.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos, 1750-1880. 16. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: FAPESP, 2017.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. corrigida pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 171-193.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 30, p. 111-129, 1991. Disponível em: <<https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2017/10/antonio-candido-de-cortic3a7o-a-cortic3a7o.pdf>>. Acesso em 22 set. 2022.

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CAMARGO, Luís G. Bueno de. **Uma história do romance brasileiro de 30**. 2001. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 953 f., Campinas, 2001.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CUTI, Luiz Silva. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na periferia de São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade de São Paulo, 309 f. São Paulo, 2013.

DRUCKER, Claudia. O modernismo negro segundo Paulo Lins. **Viso**: Cadernos de estética aplicada, v. 13, n. 25, p. 35-65, 2019. Disponível em: <<http://revistaviso.com.br/article/322>>. Acesso em 17 jun. 2022.

DUARTE, Eduardo Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Rassegna iberistica**, v. 37, n. 102, p. 259-280, 2014. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5588843>>. Acesso em 11 jun. 2022.

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. Tradução de Luciano Boide. Ilustração de Luciano Feijão. São Paulo: Veneta, 2021.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FAUSTINO, Deivison Mendes. A emoção é negra, a razão é helênica? Considerações fanonianas sobre a (des)universalização do “ser” negro. **Tecnologia e Sociedade**, v. 9, n. 18, p. 1-16, 2013. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/2629>. Acesso em: 31 mar. 2022.

FAUSTINO, Deivison Mendes. **Por que Fanon? Por que agora?** Frantz Fanon e fanonismos no Brasil. 2015. Tese (Doutorado em Sociologia) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal de São Carlos, 261 f., São Carlos/SP, 2015.

FERNANDES, Marcos Rogério Cordeiro. Sobre o método crítico de Antonio Candido em *Formação da Literatura Brasileira*. **Revista do Centro de Estudos Portugueses**, v. 26, n. 36, p. 225-242, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/cesp/article/view/6625>>. Acesso 07 jun. 2022.

FISCHER, Luís Augusto. A *Formação* vista desde o sertão. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 13, n. 18, p. 41-72, 2011. Disponível em: <<https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/258/262>>. Acesso em: 08 jun. 2022.

HAIDER, Assad. **Armadilha da identidade**: raça e classe nos dias de hoje. Tradução de Leo Vinicius Liberato. São Paulo: Veneta, 2019.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de Despejo**: diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Ática, 2014

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LINS, Paulo. **Desde que o samba é samba**. São Paulo: Planeta, 2012.

LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance**. Tradução de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.

LUKÁCS, Georg. Narrar ou Descrever? Contribuição para uma discussão sobre o naturalismo e o formalismo. Tradução de Giseh Vianna Konder. In: LUKÁCS, Georg. **Ensaios sobre literatura**. Coordenação da tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MIRANDA, Fernanda Rodrigues de. **Corpo de romances de autoras negras brasileiras (1859-2006)**: posse da história e colonialidade nacional confrontada. 2019. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) — Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, 251 f., São Paulo, 2019.

MONGIM, Luciana Marquesini. Conhecimento e atuação política: a arte e a ancestralidade africana no livro *Desde que o samba é samba*, de Paulo Lins. **Opiniões**, São Paulo, v. 10, p. 18-29, 2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/opiniaes/issue/view/9210>>. Acesso em 11 set. 2022.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.

MOURA, Clóvis. **História do negro brasileiro**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional *versus* identidade negra. 5. ed. revista e ampliada. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**. São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Organização de Alex Ratts. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

OTSUKA, Edu Teruki. Conflito e interrupção: sobre um artifício narrativo em *O cortiço*. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 21, p. 177-186, 2009. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/11024>>. Acesso em 23 set. 2022.

PACHECO, Ana Paula. Cidade-cárcere: violência e representação das classes baixas na literatura brasileira contemporânea. **Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 16, p. 27-45, 2007. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/tm/article/view/11182>>. Acesso em 16 jun. 2022.

RIOS, Ana Maria. MATTOS, Hebe. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. **Topoi**, v. 5, n. 8, p. 170-198, 2004. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/FRCsRSBMxZHwc7mD63wSQcM/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 12 out. 2022.

SANSEVERINO, Antonio Marcos V. Sobre a categoria da mediação em Adorno. **Via Atlântica**, v. 1, n. 13, p. 99-112. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/63931>>. Acesso em 28 abr. 2022.

SANSEVERINO, Antonio Marcos V. Entre o narrador e matéria narrada: notas de leitura de *O cortiço*. **Nau Literária**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 91-118, 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/102609>>. Acesso em 24 set. 2022.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Além da senzala**: arranjos escravos de moradia no Rio de Janeiro (1808-1850). 2006. Dissertação (Mestrado em História) — Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, 171 f., São Paulo, 2006.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. **Racismo brasileiro**: uma história da formação do país. 1 ed. São Paulo: Todavia, 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil — 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. **Sequências brasileiras**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. **A descoberta do insólito**: Literatura Negra e Literatura Periférica no Brasil (1960-2000). 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) — Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas, 448 f., Campinas, 2011.

SILVA, Juremir Machado da. Uma dívida jamais paga. **Echo - Rivista Interdisciplinare di Comunicazione**, Bari/ITA, v. 3, p. 140-148, 2021. Disponível em: <<http://ojs.uniba.it/index.php/eco/article/view/1300>>. Acesso em 03 ago. 2022.

SOARES, Maria Thereza M. **São Ismael do Estácio**: o sambista que foi rei. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.

SODRÉ, Muniz. **Samba, o dono do corpo**. Rio de Janeiro: Mauad X, 1998.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em *Cadernos Negros* e *Jornal do MNU***. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro** ou As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

VALLADARES, Licia do Prado. **A invenção da favela**: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

VALLADARES, Licia do Prado. **Passa-se uma casa**: Análise do Programa de Remoção de Favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

ZALUAR, Alba. ALVITO, Marcos (Orgs.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Brasiliense, 1994.